}1.0.

Entrevista ao Prof. Doutor Rui Ramos

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA – *Como se situa a investigação histórica perante um acontecimento (aparição, mariofania, teofania) como o de Fátima?*

RUI RAMOS – A investigação histórica tem sido conduzida a privilegiar as abordagens "estruturais", isto é, a tratar na história sobretudo aquilo que pode ser concebido como determinado de antemão, como decorrendo inevitavelmente de teorias da história. Não está à vontade com "acontecimentos", com acidentes e com irrupções imprevisíveis, independentemente da sua origem. Por isso, tem tido naturalmente dificuldade em lidar com Fátima, tal como tem dificuldade em lidar com todo e qualquer "acontecimento".

Que balanço faz a historiografia (laica e religiosa) de hoje sobre as visões históricas que houve sobre Fátima?

Creio que a preocupação principal da historiografia mais recente tem sido a de afastar-se das antigas polémicas entre apologetas e negacionistas e encontrar os termos em que o tema possa ser objeto de estudo sem ser necessário "tomar partido". A edição da Documentação Crítica de Fátima ajudou a assentar as monografias sobre Fátima num repositório de fontes sistematicamente colecionadas e certificadas, permitindo assim abordagens em

que a concentração na erudição é também um meio de evitar questões mais controversas.

O senhor tem desenvolvido uma interessantíssima compreensão histórica sobre o "fenómeno Fátima": pode explicar-nos a génese desse ponto de vista?

Interessei-me por Fátima ao estudar a I República, e ao aperceber-me de que o confronto entre a Igreja e a República, como habitualmente concebido, não era suficiente para compreender Fátima. A compreensão histórica do "fenómeno" pareceu-me depender do estudo de mudanças culturais e intelectuais que afetaram simultaneamente católicos e republicanos nas primeiras décadas do século XX. De certa maneira, as divisões e as evoluções dentro de cada um desses grupos afiguraram-se-me mais relevantes do que a velha dicotomia catolicismo-laicismo.

Se Fátima for o sinal de um cristianismo do futuro, quais serão as características de um mundo futuro configurado pelo cristianismo?

Fátima, como vários comentadores têm referido, ajudou a desenvolver em Portugal um cristianismo diferente do cristianismo representado pela religião de Estado do século XIX, protocolar e sedentária. Com Fátima, desenvolveu-se um cristianismo mais da sociedade do que do Estado, mais "vivido" e que tem a sua expressão maior na peregrinação. O mundo desse cristianismo, por contraste com mundos anteriores, parece-me ser muito mais marcado pela individualidade e pelo movimento.

É conhecida a afirmação segundo a qual "Não foi a Igreja que impôs Fátima; foi Fátima que se impôs à Igreja". Mas, do seu ponto de vista, a Igreja hierárquica assimilou mesmo este sinal na sua ação pastoral?

A documentação que nos chegou da década de 1920 sugere que a Igreja hierárquica tentou de facto assimilar Fátima e se reorganizou à sua volta, o que aliás inspirou depois muitas teorias da conspiração aos negacionistas. De certo modo, a perseguição laicista à Igreja, depois da Separação de 1911, abrira as estruturas eclesiásticas a este tipo de fenómeno. Talvez a antiga Igreja de Estado do século XIX tivesse resistido mais a Fátima, até pela tutela estatal a que estava sujeita.

É possível à Igreja assenhorar--se do fenómeno de Fátima ou esse fenómeno vem de mais longe? Da história das religiões?

Qualquer organização religiosa vive da tensão entre instituições que visam preservar a revelação original e a possibilidade de essa revelação ser renovada e pôr em causa as suas formas mais antigas. O que podemos dizer, olhando para a história, é que a Igreja tem mostrado uma grande capacidade de integrar essas renovações sem pôr em causa a tradição que define a sua identidade. Fátima é um exemplo.

Terá Fátima que ver com a cultura portuguesa profunda? Com, por exemplo, o mito da sublimação da mulher, como o entende Dalila Pereira da Costa?

É óbvio que Fátima tem a ver com tudo, na medida em que mobilizou símbolos, mitos e tradições de diferentes origens, como os estudados por Dalila Pereira da Costa, e se prestou a muitas apropriações. Isso, aliás, foi certamente a chave do seu imenso impacto histórico. Por exemplo, a capacidade de atrair diferentes classes sociais impressionou muito os contemporâneos em 1917. Fátima nunca foi um "fenómeno" de apenas uma parte da sociedade ou da cultura, mas algo que interpelou todo o tipo de meios e de pessoas, ao longo do tempo.

As fontes mais antigas de Fátima falam do sofrimento divino perante a humanidade em guerra. Esse elemento foi algo esquecido (ou lembrado por maus caminhos, como a alusão à conversão da Rússia…). Que podemos dizer a um século da Grande Guerra e da Revolução Comunista de 1917?

As visões ocorrem no contexto dessa grande rutura histórica que foi a Grande Guerra, mas seriam depois reinterpretadas noutros contextos, como os da resistência ao comunismo, sobretudo a partir da década de 1930. Fátima

ajudou muita gente a encarar a história recente, com todas as suas ruturas e ameaças, com um sentido de esperança.

Pode Fátima ser apropriada por Portugal ou será algo acontecido em Portugal mas de sentido mais amplo? O que deve Portugal (e a Igreja portuguesa) fazer em relação a Fátima?

Fátima foi de facto apropriada por Portugal, no sentido em que foi usada para revitalizar, em certo momento, uma conceção providencialista da nação. O Estado português deve ter apenas consciência de que tem no seu território um dos maiores santuários da Europa contemporânea, e naturalmente proporcionar-lhe a liberdade, a segurança e as infraestruturas públicas adequadas. Não se lhe pode pedir mais, mas não deve dar menos. A Igreja portuguesa há muito que se recentrou em Fátima, e provavelmente fez o que teria de fazer.

Que lugar para o maravilhoso na religião do passado, de hoje e do futuro? Estaremos a caminho de uma religião mais institucional ou mais carismática? Entre o dogma e a experiência, como se situa a ciência histórica, a religião e o cristianismo? Haverá mais "aparições" no futuro?

Qualquer religião é uma porta aberta para o que não é humano, incluindo aquilo que podemos designar como "maravilhoso". Há talvez momentos em que o institucionalismo pesa mais do que a inovação, mas é da natureza do religioso nunca poder excluir fenómenos como os das "aparições". Quem diria que os séculos XIX e XX, frequentemente pensados como a era da técnica, seriam também os das "aparições" de Lourdes ou de Fátima? A história está cheia de "acontecimentos" surpreendentes.